A lição de Schreber

The lesson of Schreber

Keylla Barbosa

Correspondencia:
keyllafb@yahoo.com.br

Filiaciones Institucionales:
Université Paris Diderot, (Francia)

RESUMO: Este artigo visa problematizar a apropriação do livro de Daniel Paul Schreber Memórias de um doente dos nervos pelo pai da psicanálise como forma de fazer desta obra literária um caso clínico que lhe permitiria avançar em seus estudos sobre o que ele chamou, na época, de paranoia, mas que posteriormente, entrará na categoria mais ampla de psicoses. Assim, discutiremos as noções de saber e verdade, bem como a noção de falta, presentes sobretudo nos trabalhos de Lacan de modo a implicá-las na tomada desta obra literária a fim de seguir o que e como Schreber ensina à psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Schreber - literatura - verdade - saber - falta

ABSTRACT: This article aims to problematize the appropriation of the book by Daniel Paul Schreber Memories of a Nervous Patient by the father of Psychoanalysis as a way to make this literary work a clinical case that would allow him to advance in his studies of what he called, at the time, paranoia, but later, in the broader category of psychoses. Thus, we will discuss the notions of knowledge, truth and the idea of lack, present mainly in Lacan's works in order to envolving them in the interpretation of this literary work to follow what and how Schreber teaches Psychoanalysis.

KEY WORDS: Schreber - Literature - Truth - Knoeledge - Lack

Cómo citar:
Barbosa, K. (2021) A lição de Schreber. En Revista psicoanálisis en la universidad Nº5. Rosario, Argentina, UNR Editora Pág 125-134

ISSN: 2683-9938 (en línea)

Licencia: Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional.

Responsabilidad editorial:
Universidad Nacional de Rosario.
Argentina. Facultad de Psicología.

Recibido:
01 - 05 - 2020

Aceptado:
17 - 06 - 2020

Publicado:
30 - 04 - 2021

Este artigo pretende introduzir duas discussões paralelas que podem ser extraídas do conhecido caso Schreber escrito por Freud em 1911. A primeira coloca em questão o estatuto psicanalítico de uma obra literária; mais especificamente, o valor de uma obra autobiográfica como fonte de conhecimento analítico, e as questões em torno de sua transformação em caso clínico. O livro de Schreber inaugura assim, sob a pena de Freud, um gênero de análise que tem como ponto de partida um texto escrito e não um trabalho com a fala. Por esta via, vamos mostrar as particularidades deste gênero de construção de caso no tocante às particularidades da psicose, o que nos leva a pautar, segundo a própria análise de Freud, um entrecruzamento necessário entre linguagem e inconsciente. A segunda discussão proposta parte da relação intrínseca entre esses dois termos – linguagem e inconsciente – levada às últimas consequências por Lacan. Articular de modo tão intrínseco linguagem e inconsciente coloca em jogo a relação entre verdade e saber. Se o inconsciente existe, qual a distinção e qual a relação possível entre saber e verdade? Assim, poderemos inaugurar uma análise que partirá da leitura do texto de Schreber, dando-lhe o destaque necessário através da exposição de alguns trechos – o que raramente vemos na literatura psicanalítica – para que através das palavras do próprio escritor possamos fazer uma reflexão sobre o que há de verdade nessa escrita e o que ela transmite à psicanálise enquanto saber.

Um dos mais célebres casos estudados por Freud, o chamado caso Schreber, traz com ele profundas e significativas diferenças em relação aos demais casos freudianos. A começar pela fonte e a terminar pela estrutura clínica em questão. Ao contrário de muitos casos apresentados por Freud em seus artigos, este não surge da clínica, mas da literatura, e não de qualquer literatura, mas de uma autobiografia; não houve, portanto, um processo de análise guiado por Freud ou por outro psicanalista mas sim a leitura minuciosa de um livro de memórias.

O livro de título *Memórias de um doente dos nervos* foi escrito por Daniel Paul Schreber, ex-presidente da Corte de Apelação da Saxônia da cidade de Dresden, e publicado pela primeira vez em 1903. Embora tenha sido conhecido e discutido no meio psiquiátrico desde sua publicação, tudo indica que Freud só toma conhecimento desta obra em 1910 e publica seu artigo "Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")" em 1911, meses antes da morte de Schreber que, muito provavelmente, não conheceu o texto de Freud.

Freud faz do livro de Schreber um fato clínico, ele inventa um caso a partir de memórias que foram transformadas em escrita. Se tomarmos a análise como uma experiência de fala, temos que admitir que Freud toma o texto escrito por Schreber como palavras faladas e se faz seu analista, ocupando um lugar de endereçamento. Mas, evidentemente, esse texto não foi escrito nem para Freud, nem para a psicanálise que era apenas uma recém-nascida na época da concepção desta obra. O autor de *Memórias...* tinha a plena consciência e convicção de que sua história era importante ou até mesmo fundamental para o desenvolvimento de um saber sobre esse tipo de experiência. Schreber apostava na ciência como fonte de pesquisa e conhecimento e então, é para o desenvolvimento

científico que sua escrita será endereçada.

> Volto, ainda mais uma vez, às questões levantadas, não apenas por meu interesse pessoal, mas também porque suponho que as observações que devem ser feitas no meu corpo talvez conduzam a um enriquecimento da ciência neste campo. (Schreber, 2010, p. 215).

Freud, porém, toma para si este lugar e dá ao texto de Schreber exatamente o estatuto de formador de uma hipótese que se pretendia científica. Portanto, é pela via de Freud que Schreber se torna conhecido e alcança suas pretensões no mundo não da ciência, mas do saber. Assim é a Freud que devemos agradecer por ter colocado em obra o desejo de Schreber, mesmo que ele o tenha feito da mesma maneira que o sonho coloca em funcionamento o desejo inconsciente: através de uma deformação que neste caso transforma um desejo científico em psicanalítico.

Sabemos que o caso em questão deu um grande impulso para a teoria freudiana das psicoses, que ganha um pouco mais de consistência com a concretude das palavras publicadas por Schreber. Se Schreber tivesse tomado conhecimento da importância de seu livro para a transformação da teoria psicanalítica e se ao mesmo tempo ele não se importasse com o fato de que essa teoria não é exatamente uma ciência, nos moldes que ele possivelmente imaginava, muito provavelmente, ele ficaria contente e satisfeito com a realização de seus objetivos.

Entrando na questão da literatura e partindo da diferença de fonte entre literatura e clínica, é fundamental nos perguntarmos sobre os motivos que fizeram o conteúdo das memórias de Schreber se tornar algo tão precioso para a psicanálise, conservando até os dias de hoje sua potência e sua atualidade. O próprio Schreber, certo da qualidade de seu texto, disse que seguramente seu livro permaneceria entre as "obras mais interessantes que já foram escritas desde que o mundo existe" (Schreber, 2010, p. 306). "Desde que o mundo existe", talvez seja algo exagerado – embora possamos pensar que a literatura, enquanto um campo, faltou ao não dar ao livro de Schreber o reconhecimento merecido. Porém, sem sombra de dúvidas, este livro é uma das obras mais interessantes desde que a psicanálise existe. Assim sendo, iremos nos aprofundar nisso que o livro de Schreber apresenta de tão singular em relação a outras obras literárias e o que Schreber transmite e ensina a Freud, através de seus escritos, que este ainda não havia observado na clínica?

Neste sentido cabe nos questionarmos sobre o estatuto da literatura enquanto potencial transmissora de um saber – de um saber no lugar da verdade, como nos mostra o discurso psicanalítico –, ou seja, a pergunta que nos ocupa neste texto versa sobre a possibilidade de uma obra literária ocupar este lugar, seja ela uma obra autobiográfica, como a de Schreber, ou completamente ficcional. Podemos tomar os estudos de caso da literatura como sendo tão psicanálise quanto os estudos de casos de pessoas que foram atendidas em consultório ou os estudos de caso que surgiram através de uma análise historiográfica e biográfica? Nessa divisão didática entre casos da literatura, casos de relatos biográficos e casos atendidos por Freud ou outros psicanalistas, Schreber se encontra em posição única e específica: não é um sujeito que se submeteu à clínica, não é alguém cuja história de vida foi contada por outra pessoa ou fruto de investigação, mas

também não é uma personagem fictícia que só existe dentro de uma narrativa. O livro de Schreber é um relato autobiográfico. Ele é o autor de sua própria história – em todos os sentidos que esta expressão pode ter.

É fato que Freud ganhou, por seus escritos pretensamente científicos, um prêmio importante de literatura, o prêmio Goethe, em 1930. Esse prêmio pode nos indicar que o saber da psicanálise, desde o início, já estava articulado entre o saber e a literatura. Se os relatos de caso de Freud podem ser comparados a romances, é, então também através da literatura que se transmite a psicanálise. É por isso que Lacan pode dizer que o relato de um caso transmite a verdade como ficção. É por isso também que Erik Porge, acompanhando Lacan afirma: "um bom romance faz mais pela transmissão da clínica que muitas vinhetas pretensamente realistas". (Porge, 2009, p. 35). É o que se confirma no comentário de Lacan a respeito do romance *O arrebatamento de Lol V. Stein* de Marguerite Duras (1965/2001) no qual ele diz que o artista – neste caso o escritor – precede o psicanalista (Lacan 1965/2001). O artista é capaz de projetar uma verdade em sua obra antes que o psicanalista possa interpretá-la na realidade. Uma obra de arte, neste sentido, conta a psicanálise com outras palavras.

O texto de Schreber, sendo de uma só vez relato literário autobiográfico e obra comprometida com o avanço do saber, não se iguala as notas de um analista, pois são as palavras do próprio sujeito e não a reprodução delas por um outro. A construção do que se viveu na clínica é muito mais interessante do ponto de vista da transmissão, do que a reprodução. O que nos faz lembrar do que Freud nos diz em "Recomendações ao médico que pratica a psicanálise" (1912/2010) a respeito do perigo e a orientação explícita sobre não tomar notas durante uma sessão com o paciente. Assim, as palavras escritas por Schreber tomam o mesmo estatuto das palavras faladas por um paciente no divã. A verdade da fala é diferente da verdade da escrita das notas, mas neste caso, a verdade da escrita de Schreber é tomada como a verdade da fala. E por isso, Freud pode extrair um saber desse efeito de verdade que é o texto. É através da tomada de posição de Freud em relação ao texto de Schreber que a palavra escrita se torna palavra falada. Portanto, ao trabalhar este texto, Freud se faz mais analista que leitor, mais ouvido do que olhos. Ele não interpreta um escrito, ele constrói um caso clínico.

Freud não aplica à literatura um saber adquirido anteriormente, mas constrói um saber transversal entre a arte, a literatura e a clínica. O relato de caso existe para que através dele haja a tentativa de se transmitir tanto a verdade como o saber, mas é preciso lembrar que há sempre um impossível de se transmitir da verdade como saber. A verdade não dá conta dela mesma, portanto o saber que daí advém também não se faz todo. Há nela um ponto de impossível, de real. Há saber que jamais será sabido, pois ele é do terreno do Outro.

Nesse sentido, a análise pressupõe que se possa construir um saber sobre a verdade, mas é preciso levar em conta que, segundo Lacan, a verdade só pode ser semi-dita. E a divisão entre saber e verdade, nada mais é do que a própria divisão do sujeito. É fundamental tomarmos cuidado para aqui não tomar a divisão do sujeito apenas como o recalque. Há outros modos de formação de subjetividade, há ou-

tros modos de se negar a lei que instaura a barra, a impossibilidade de tudo dizer inaugurando assim o inconsciente. Deste modo, temos acesso apenas a efeitos de verdade que serão variáveis de acordo com o processo de negação ocorrido, ou seja, para mantermos a hipótese de Lacan, falaremos em três: recalque, denegação e foraclusão.

Se na autobiografia de um neurótico o sujeito apareceria barrado, cabe nos perguntarmos sobre como aparece o sujeito num texto autobiográfico de um psicótico. A autobiografia de um neurótico, ou qualquer literatura sobre um neurótico colocaria o recalque em evidência e o sujeito como algo dividido pelas angústias fruto do insabido do recalque. A autobiografia de um psicótico coloca, como não poderia deixar de ser, a foraclusão em evidência e a foraclusão em forma de texto, nada mais é do que a mais pura expressão do inconsciente, posto que, neste caso, o que foi foracluído é a própria lei – representada pelo significante Nome-do-Pai – que pode ser entendida como a própria possibilidade de barreira ao gozo desenfreado da linguagem.[1]

Se a divisão entre saber e verdade é a divisão do sujeito, o que separa, portanto, saber e verdade na psicose é a foraclusão do Nome-do-pai. O saber que vem da verdade da psicose, é o saber da foraclusão. E a verdade deste sujeito, como uma meia verdade, é impedida de ser conhecida por este mesmo mecanismo. É ele que fará barreira e distorcerá a verdade na psicose. O saber sempre pretende subsumir uma divisão, ele tenta dar contorno e sentido a violência da divisão do sujeito, divisão esta causada tanto pelo recalque ou pela denegação, como pela foraclusão.

É isso que faz das memórias de Schreber algo tão excepcional. É o fato de ser justamente do nível da memória, ou seja, alguém falando de si mesmo, e que este alguém é, como ele mesmo se autodenomina, um doente dos nervos, um sujeito em plena crise psicótica que narra suas loucuras de um modo também louco. Ler suas memórias não é uma tarefa fácil e por muitas vezes a leitura é truncada, interrompida pelo próprio movimento do texto que é, por vezes, tão complexo no que toca ao entendimento que nos interpela na noção mesma de sentido. É importante ressaltar que Schreber, ao escrever suas memórias, já vivia um período posterior ao auge de seu delírio, mas ele ainda vive, no momento da escrita, manifestações deste e ele ainda se interroga sobre a veracidade e o alcance de algumas dessas vivências. Diferente dos loucos presos, isolados da sociedade, sem direitos e sem voz, Schreber quebra a barreira da alienação imposta socialmente aos ditos loucos e se pronuncia. Algo até então inédito e até mesmo incrível dada a situação dos tratamentos disponíveis em sua época.

O objetivo de Schreber além de ajudar a ciência a compreender casos como os dele, como disse no início do texto, era também, usar a lucidez de suas palavras para conseguir de volta sua liberdade e sua cidadania. Por isso anexa nos autos de seu pedido para ter de volta seus direitos civis – os quais ele tinha perdido em decorrência de sua loucura – uma cópia de parte dos manuscritos de suas memórias, entendendo que a clareza que tinha sobre sua experiência delirante e sua ca-

1 Para mais detalhes sobre a operação de Foraclusão ver Barbosa, K. (2019), "Da Verwerfung em Freud à foraclusão em Lacan". Reverso, ano 41, nº 77, pp. 57-64.

pacidade narrativa o ajudariam a ter de volta seus direitos. E ele estava certo. Em 1902, Schreber deixa o hospital no qual tinha passado mais de 8 anos internado e recupera sua autonomia social e política. Além disso tudo, para Schreber suas memórias são parte de seu processo de cura. A escrita o ajuda a reconstruir o mundo que tinha sido destruído pela intensidade de sua crise. Da destruição a reconstrução, tijolo a tijolo palavra a palavra, a escrita como um ato simbólico vem para reconstruir o universo simbólico demolido; é a linguagem criando onde ela falta.

Neste livro há partes totalmente compreensíveis e outras parcialmente ou totalmente enigmáticas, há trechos que apresentam certa estranheza e aparente confusão permeadas constantemente por ideias de cunho delirante. O que este texto nos aporta é diferente do que acontece na neurose, onde o texto encobre o desejo inconsciente que queremos desvendar. Aqui, quando há uma falta, ela não está camuflada ou disfarçada, recoberta por outra coisa, ela está evidente, presente em forma de furo no decorrer do texto.

> A investigação psicanalítica da paranoia não seria possível se os doentes não tivessem a peculiaridade de revelar, ainda que de forma distorcida, justamente o que os demais neuróticos escondem como um segredo. (...) Parece-me lícito, então, fazer interpretações psicanalíticas a partir do caso clínico de um paranoico (enfermo de *dementia paranoides*) que jamais conheci, mas que redigiu ele mesmo sua história clínica e a levou ao conhecimento público de forma impressa. (Freud, 1911/2010, p.10).

No texto de Schreber a falta é colocada, marcada na sua ausência, no seu vazio, mas não de uma forma metafórica. Para ilustrar esta operação, segue abaixo um trecho das *Memórias...* no qual falta, de fato, uma palavra na frase. Neste trecho, Schreber está falando sobre sua entrada no hospital psiquiátrico para internação e vemos claramente que falta um verbo:

> Seguiu-se uma longa entrevista, na qual, não posso dizer de outro modo, o professor Flechsig desenvolveu uma extraordinária eloquência, que não deixou de me causar um impacto profundo. Falou de progressos que a psiquiatria havia feito desde a época de minha primeira doença, dos novos soníferos descobertos, etc., e me deu a esperança de * toda minha doença por meio de um único sono profundo, que deveria durar, se possível, de 3 horas da tarde até o dia seguinte. (Schreber, 2010, p.56)

Do seio da dificuldade neurótica em lidar com a falta, não nos parece estranho que o espaço vazio deixado pelo verbo faltante pode ser bem ocupado pela palavra *curar*; o que nos leva necessariamente a interrogar este termo a partir da proposta da clínica psicanalítica. Se Flechsig pretendia curar Schreber, este último fez desaparecer essa possibilidade em seu relato. Talvez porque não se pode curar aquilo que não está absolutamente no nível da doença e talvez também porque em algum lugar e de algum modo, Schreber sabia que seu estado e seu sofrimento ultrapassavam qualquer formulação que toma como pressuposto, num plano psíquico, os polos saúde/doença.

Trazendo ainda mais concretude para o texto de Schreber e para a forma como ele descrevia seus sintomas, um outro exemplo de manifestações peculiares de linguagem que podemos aprender a partir deste relato é o que Lacan chamou no Seminário III (1955-1956/1981) de "fra-

ses interrompidas", como o próprio nome diz, são frases inacabadas que ele escuta em um circuito de repetição independentemente de sua vontade:

> Assim, ouço há anos, todos os dias, repetidas centenas de vezes, faladas dentro dos meus nervos, as palavras totalmente desconexas: "Mas por quê?", "Por isto, porque que eu", "Seja então", "Com relação à sua" (isto é, com relação à minha pessoa, doravante deve ser dito isto ou aquilo), além de um "Ah, sim!", totalmente sem sentido, lançado nos meus nervos, e, finalmente, certos fragmentos de locuções que antes eram expressas de modo completo, como por exemplo:
>
> 1 – "Agora eu vou-me"
>
> 2 – "Você deve de fato"
>
> 3 – "Nisto eu quero"
>
> 4 – "Mas agora ele deveria"
>
> 5 – "Mas isto era realmente"
>
> 6 – "Falta-nos agora"
>
> (Schreber, 2010, p. 175-176)

Mais uma vez, é o estabelecimento da falta que se coloca em evidência. É a falta ela mesma, em sua mais pura manifestação, a falta no "tesouro significante" para usar a expressão d e Saussure, a falta no Outro que se materializa e se concretiza na impossibilidade de continuação dessas frases. É nesse sentido que podemos trabalhar com a ideia de *Inconsciente a céu aberto da psicose*, como formulou Colette Soler (2007) no livro que leva este nome. Na estrutura psicótica, a falta não é encoberta ou disfarçada, ela é ao contrário escancarada, nos mostrando sem desvios o funcionamento de estrutura de linguagem do inconsciente, ou como diria Freud, sua metapsicologia de deslocamentos e condensações.

É importante também dizer que o efeito de verdade que decanta do texto de Schreber não está no delírio em si mesmo ou na materialidade das vozes que ele escuta, mas na maneira através da qual isto é narrado pelo sujeito que os vive: de um modo nada convencional, repleto de certeza, de neologismos e sempre inovando tanto na técnica da escrita como no sentido. É o que poderemos observar no trecho a seguir, onde conteúdo e forma são igualmente subvertidos:

> Durante muito tempo, por ocasião das visitas de minha esposa no Sonnenstein, acreditei que ela fosse ad hoc "feita às pressas", para aquela ocasião, e que por isso se dissolveria logo em seguida já na escada ou logo depois de sair do sanatório; foi dito que seus nervos, após cada visita, voltavam a se "encapsular". (Schreber, 2010, p. 110).

Ao contrário da posição de alguns psicanalistas, posição muitas vezes proferida de forma leviana, aqui defendemos a hipótese de que o discurso na psicose não implica o extremo de uma falta de sentido, ou seja, não há menos sentido na fala de um psicótico do que na fala de um neurótico posto que o sentido é sempre barrado pelo que pode ser transmitido pelo semi-dizer da verdade como condição da estrutura da linguagem. O sentido é faltante em si, todos devem saber-fazer com o furo da linguagem, e é isso que permite, nestes casos – como sob a pena de Schreber – sua subversão.

Esses foram apenas alguns poucos exemplos dos modos como a psicanálise procurou e encontrou possíveis efeitos de verdade nas Memórias de Schreber, e é importante ressaltar aqui que, de algum modo, esses efeitos aparecem em todo o livro, em cada sentença e não apenas em alguns trechos.

Entre saber e verdade há, portanto, uma relação de divisão irredutível. De um lado está a verdade do sujeito, de outro, o suposto saber do analista sobre essa verdade. Entre ambos há um abismo. E entre Schreber e a psicanálise é justamente no efeito de verdade, apresentado pelo real da letra nesta obra, que está seu mais precioso valor para a psicanálise.

> Consideraria um grande triunfo da minha capacidade dialética se com o presente trabalho, que já assume as proporções de uma obra científica, eu conseguisse apenas um resultado: suscitar nos médicos apenas uma sombra de dúvida de que talvez houvesse algo de verdade nas minhas supostas ideias delirantes e alucinações. Se eu tentasse me explicar só oralmente, dificilmente poderia esperar que alguém tivesse paciência de me ouvir numa exposição demorada; menos ainda se considerariam esses pretensos absurdos dignos de uma reflexão. (Schreber, 2010, p. 117).

O que Freud introduz de mais fundamental no campo dos saberes é a verdade da satisfação da pulsão; a ela nada escapa, mesmo que essa verdade só possa ser semi-dita. É a relação intrínseca e fundamental do sujeito – a partir de sua condição estrutural de faltante – com o saber, com a verdade e com o gozo que nós, psicanalistas, tomamos como pressuposto de todo tratamento possível. O sujeito lança-se, tal como Schreber se lançou, num projeto de saber sua verdade a partir de sua narrativa e o que ele descobre é que ele só existe a partir do desejo do Outro que lhe é completamente desconhecido. O que este Outro quer de mim? Como devo me apresentar a ele? Por que ele me faz agir de determinada maneira? É este Outro, que no delírio schreberiano é encarnado antes por Flechsig e depois por Deus, que lhe controla, controla seus desejos e seu corpo, lhe obriga a se manter acordado, a não comer, lhe impele a se transformar em mulher, etc. Mas por que? Não podemos escapar da interrogação sobre o desejo do Outro posto que não podemos escapar de nossa condição de seres de cultura, de nossa condição de falantes, de nossa condição de perguntar, de não ter a resposta mas mesmo assim continuar a fazer com essa falta.

Bibliografia

Barbosa, K. (2019), "Da Verwerfung em Freud à foraclusão em Lacan". *Reverso*, ano 41, nº 77, pp. 57-64.

Freud, S. (1911/2010). "Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")". In *Obras Completas*, trad. Paulo César de Souza, vol.10.

Freud, S. (1912/2010). "Recomendações ao médico que pratica a psicanálise". In *Obras Completas*, trad. Paulo César de Souza, vol.10.

Lacan, J. (1955-1956/1981). *Le Séminaire, Livre III : Les psychoses*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1957/1966). L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In *Écrits*. Paris: Seuil.

Jacques Lacan (1965/2001). « Hommage fait à Marguerite Duras, du ravissement de Lol V. Stein ». In *Autres écrits*, Paris: Seuil.

Schreber, D. P. (2010). *Memórias de um doente dos nervos*. Tradução: Marilene Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Porge, E. (2009). *Transmitir a clínica psicanalítica. Freud, Lacan, Hoje*. Campinas: Editora Unicamp.

Soler, C. (2007). *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Zahar.

Keylla Barbosa:

Psicóloga Clínica, Psicoanalista, doctoranda del programa « Psychanalyse et Psychopathologie » de la Université de Paris (ex Paris Diderot, Paris 7). Magister en Psicoanálisis y Lingüística por la Unicamp y especialista en Salud Mental en Salud Pública también por la Unicamp.